

Conhecimento

A ORDEM MORTA DA VIDÊNCIA E NUMEROLOGIA NUNCA recebia visitantes.

Seus membros eram os maiores devotos de Tanna-Toh em todo o mundo de Arton, mais fiéis até que os clérigos da Deusa do Conhecimento. Pois os Videntes Mortos não eram clérigos, não recebiam o favor da deusa, nem nunca eram escolhidos para passar a eternidade ao seu lado após a morte. Mesmo assim, sua lealdade era de ferro. Aceitavam viver e morrer dentro do seu mosteiro, nascendo de mães e pais que pertenciam à Ordem, crescendo em meio às crianças da Ordem, trabalhando nela por toda a vida e por fim sendo cremados dentro do mosteiro, enquanto suas almas eram aprisionadas pela eternidade em artefatos de metal e vidro. Tudo porque seu poder era grande demais para ser compartilhado.

Há muito os membros da Ordem Morta de Vidência e Numerologia haviam entendido que um padrão permeava toda a existência, todas as vidas dos mortais e as ações dos deuses. Assim podiam prever o futuro do universo. Faziam isso por meio de números. Suas equações infinitas, complexas além de tudo o que era conhecido, calculavam as possibilidades e variações do destino da Criação. Produziam augúrios embasados em probabilidades e estatísticas, profecias calculadas e transcritas em longos pergaminhos repletos de números. Por isso, estavam mortos para o mundo. Na verdade, nunca haviam nascido.

Os clérigos de Tanna-Toh nunca podiam deixar de responder qualquer pergunta. Era a doutrina da Deusa do Conhecimento, a lei pela qual aqueles que recebiam seu favor deveriam viver. A vida dos membros da Ordem Morta de Vidência e Numerologia era negar-se a responder. O Helladarion, o artefato que era o sumo-sacerdote de Tanna-Toh, possuía todo o conhecimento de todos os maiores clérigos da deusa que viviam e já haviam vivido. O conhecimento da Ordem deveria estar fora do alcance do Helladarion, e portanto seus membros nunca poderiam ser clérigos. Mesmo em morte nunca poderiam arriscar a revelar o que sabiam, e eram aprisionados pela eternidade no interior dos globos

de vidro, um infinito escuro e imóvel. Este era o preço do conhecimento, e da devoção suprema à sua deusa.

As visitas de Tanna-Toh, a única dentre deuses e mortais que conhecia a Ordem, eram o ápice da vida de qualquer membro, embora várias gerações se passassem sem que a deusa surgisse. Mesmo assim, o trabalho continuava com diligência; os números, os cálculos, o futuro e o destino do mundo, e o próprio destino de quem nascia na Ordem traçado desde o começo. E a morte ainda na infância para aqueles que os números indicavam que seria um rebelde. Os Videntes Mortos rezavam para que nunca errassem um cálculo. Mas Tanna-Toh nunca respondia.

Por tudo isso houve pânico quando chegou um visitante ao mosteiro envolto em brumas da Ordem Morta de Vidência e Numerologia.

A elfa caminhou distraída por entre os vários humanos, quase todos enfiados em mantos cinzentos, que corriam em todas as direções. Logo foi interpelada por uma dezena de homens com espadas, alabardas e arcos.

— Você tem duas escolhas — disse o que parecia ser o líder, armado com uma espada que tinha quase a sua altura. — Viver aqui pelo resto de sua longa vida, ou morrer agora mesmo. A existência deste lugar não deve deixar estas paredes.

As ameaças eram reais. Parte dos membros da Ordem treinava com fanatismo no uso de armas, para dar cabo de qualquer intruso que, por um infortúnio qualquer, encontrasse o mosteiro, que era escondido dos olhos mortais e divinos por brumas impenetráveis. O homem que empunhava a espada sabia que, em outra parte, outros Videntes Mortos já estavam a postos para destruir todos os registros da Ordem, caso a intrusa provasse ser poderosa demais para seus irmãos armados. Melhor destruir o trabalho de eras do que revelar o conhecimento proibido.

Os dez guardas aguardaram por um momento de silêncio. Na falta de qualquer resposta, fizeram menção de atacar.

A elfa levantou os olhos, e todos viram em seu rosto mais tristeza do que julgavam existir. Alguns caíram de joelhos, chorando em convulsões. Outros ficaram apenas imóveis, tomados por uma vontade súbita de confortar aquela criatura de miséria infinita. Todos deixaram as armas caírem no chão. Os cabelos curtos e púrpuras da elfa, mesmo caindo pelo rosto em displicência, não escondiam suas lágrimas. Ela continuou andando, arrastando os pés. Um rastro de lágrimas em seu caminho, e onde as lágrimas caíam, nasciam flores, apenas para em seguida murcharem, marrons ou enegrecidas. A beleza da elfa era paralisante, mas por onde ela passava, desolação e o fedor de rosas mortas.

A agitação cessou em pouco tempo, à medida que os Videntes Mortos percebiam quem era sua visitante. Nenhuma de suas equações previra esse evento. O mosteiro se calou; mesmo as crianças silenciaram suas vozes pequenas, mesmo os bebês pararam de chorar, mesmo os animais ficaram quietos. Nem mesmo um grilo, nem mesmo um rato. Apenas os passos da elfa e os soluços daqueles que sentiam sua tristeza, uma tristeza que somente a morte e a

destruição, sem sentido e sem propósito, podem causar. A tristeza de uma raça que, há alguns dias, havia começado a morrer. Todas as mães que adivinhavam os filhos mortos pelas partes desconhecidas de seus corpos, todos os filhos que viram os pais cuspirem sangue, todos os maridos que enterraram as esposas estupradas e esquarteradas choravam com aquela elfa, e a eles se juntaram os Videntes Mortos.

A elfa subiu longas escadas, espalhando sua dor insuportável, e chegou à sala do Mestre da Ordem Morta de Vidência e Numerologia. Um grande livro, quase tão alto quanto dois homens e grosso como o tronco de uma árvore adulta, dominava o ambiente, apoiado em uma estrutura de ferro maciço. Havia outros livros e pergaminhos aos milhares, e penas e tinta e ábacos, e números, mais números do que um homem poderia contar em toda a sua vida. Cheiro de mofo, forte. Em um canto, um velho, embrulhado em seus mantos cinzentos, encolhido no chão, seu corpo saltando com soluços dolorosos. Conseguiu olhar na direção da elfa e falar apenas uma palavra.

— *Chega...*

A mulher suspirou. Limpou os olhos com as costas da mão, com a deselegância de quem já não se importa mais. Suas roupas estavam bastante sujas, sua tristeza não era digna nem heróica. Era só tristeza, e nenhuma palavra poderia amenizá-la.

— Diga-me então o que acontecerá. O que eu posso fazer.

O velho conseguiu se recompor, secando as lágrimas, saliva e muco que haviam se espalhado por seu rosto no meio do choro desesperado. Catou um pequeno par de óculos do chão, olhou a figura à sua frente e decidiu que era melhor ficar no borrão da miopia. Empertigou-se, de um suspiro engoliu os soluços. Estava prestes a fazer o que centenas de seus antecessores, seus pais e os pais de seus pais, haviam se sacrificado para garantir que nunca acontecesse. Por fim, respondeu a pergunta.

— Haverá uma tempestade...



A elfa voltou ao seu lar. Quase todas as suas árvores estavam mortas, e ela, aos poucos, descobria que já não tinha mais forças para cuidar daquelas que ainda viviam. Era crepúsculo já há vários dias por ali, e todos temiam o que poderia acontecer quando finalmente anoitecesse. Uma velha senhora humana estava sentada no chão, em meio a um monte de folhas mortas. Levantou-se quando viu a elfa chegar, e caminhou até ela com lentidão. Em um lugar tão desolado, era difícil não ser moroso.

— E então, Glórienn? — disse a velha senhora. — Descobriu o que queria?

Glórienn, a Deusa dos Elfos, olhou para sua visitante. Sentiu quando, subitamente, outro de seus filhos morria. Fez uma careta de dor.

— Sim — disse entre dentes. — Descobri uma arma. Eu vou vencer.

Tanna-Toh olhou Glórienn com uma piedade impotente. Há poucos dias, o reino dos elfos, Lenórienn, havia sido devastado pela Aliança Negra, um imenso e terrível exército de goblinóides que ninguém até então pensava possível. Liderada pelo general monstro Thwor Ironfist e fiel ao deus Ragnar, a Aliança havia chacinado milhares de elfos em pouco tempo, e por causa disso Glórienn consumia a si mesma em ódio. A Deusa dos Elfos era o tipo de vítima que continuava a machucar a si própria mesmo depois que seu algoz havia partido.

— Ragnar vai cair — Glórienn falou com uma certeza e crueldade que assustava até mesmo a outra deusa. — Ironfist vai morrer. Toda a sua raça vai morrer. Todas as raças goblinóides. Cada um deles...

Sua raiva transformava-se em dor física, em um engasgo e sensação de afogamento. Glórienn apertou os dentes até trincarem, e enterrou as unhas fundo nas palmas das mãos, até que sangue escorresse farto de seus punhos fechados.

— Criança — começou Tanna-Toh, mas logo foi interrompida.

— Se todos os elfos morrerem, vou me tornar Deusa da Vingança. Serei mais cruel que Keenn.

Tanna-Toh conhecia aquelas ameaças vazias. Havia pouco que Tanna-Toh não conhecesse.

— Você sabe que isso não é possível. Você é a Deusa dos Elfos, sempre foi e sempre será. Antes de os elfos existirem, você era a deusa do conceito de elfos e dos valores élficos, e antes que criasse estes, ainda assim era a deusa que iria criá-los. Não podemos mudar. Você sabe disso.

Glórienn não respondeu. Continuava a apertar os punhos e os dentes. Deixou escapar um gemido débil.

— Assim como Khalmyr era o Deus da Justiça mesmo antes de inventar a justiça, e eu era a Deusa do Conhecimento mesmo antes de criá-lo. Somos imutáveis. Por isso os mortais sempre serão superiores.

A outra deusa relaxou as mãos e a boca, e abriu os olhos. Respirou com dificuldade; ainda tinha a sensação de estar se afogando.

— Não é verdade. Não pode ser. Os mortais nos cultuam.

— Os mortais fazem o que querem, Glórienn — disse Tanna-Toh. — E são o que querem. Podem ser ferreiros, sapateiros, magos ou guardas. Enquanto nós estamos para sempre presos em nossas celas de poder imensurável. Nunca poderemos mudar.

A Deusa dos Elfos parecia prestes a desmoronar outra vez. Seu corpo todo tremia.

— Pode ser fácil para você falar. Você é a Deusa do Conhecimento, cultuada por todas as raças. Mas o que eu farei se todos os meus filhos morrerem? — agora, Glórienn parecia mais uma criança confusa, fazendo perguntas à mulher mais velha enquanto odiava-a por saber as respostas.

— Acredite ou não, somos todos tão frágeis quanto você. Se todas as bibliotecas queimarem, todo o conhecimento do mundo não durará mais do que algumas gerações dos

mortais, e nós sabemos como eles morrem rápido. Se Nimb fizer algum movimento mais ousado, toda a justiça de Khalmyr pode desaparecer, e mesmo ele terá dificuldade em ensiná-la de novo a um mundo caótico. É por isso que somos todos tão frágeis, e é por isso que devemos manter o equilíbrio.

Glórienn sabia a frase que viria a seguir, mas não evitou um esgar de nojo ao ouvi-la.

— E é por isso que você não pode, *nunca*, destruir Ragnar. Caso um de nós caia, ninguém sabe — foi interrompida novamente pela Deusa dos Elfos, desta vez com um urro.

Tanna-Toh esperou com paciência até que a outra silenciasse. Continuou mirando-a com seus olhos de avó até que Glórienn falasse.

— Eu tenho medo. *Tanto medo...* E se eu...

— Morrer? — disse Tanna-Toh, impassível. Na verdade, uma minúscula fagulha de curiosidade brilhou em seus olhos, com a impiedade dos cientistas dedicados. — Ninguém sabe. Nunca descobrimos o que houve com Sszzaas. Se algum dos Deuses Maiores morrer, então nós descobriremos, finalmente, qual o nosso destino após a morte. E haverá conhecimento novo.



A conversa com Tanna-Toh não serviu em nada para dissuadir Glórienn. Tanna-Toh devia aquilo a ela, todos os outros deviam, por não haverem intervindo quando a Aliança Negra destruíra Lenórienn. A revelação da existência e localização da Ordem Morta de Vidência e Numerologia havia apenas começado a pagar essa dívida. Mas Glórienn sabia que agora teria uma arma, se conseguisse botar seu plano em prática. A tempestade que viria de longe varreria todos os seus inimigos.

Moveu a primeira peça. Anos antes, em algum lugar de Arton, uma menina meio-elfa foi adotada pelas clérigas de um templo de Lena, que decidiram chamá-la Nichaela.